

A Experiência da Interação Mãe-Bebê para Mães Adolescentes

The Experience of Mother-Baby Interaction for Adolescent Mothers

Cândida Prates Dantas* / Gabriela Clerici Christofari / Dorian Mônica Arpini

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: A interação inicial mãe-bebê, marcada por uma intensa adaptação por parte da mãe às necessidades do filho, é essencial para o desenvolvimento do bebê. Igualmente importante é a interação que vai estabelecendo-se na díade, à medida que a mãe vai retomando outros interesses e o bebê adquirindo maior autonomia. Assim, o presente artigo teve como objetivo compreender a experiência da interação mãe-bebê para mães adolescentes. O trabalho teve caráter qualitativo, com delineamento exploratório e descritivo, e foi realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com mães adolescentes e observações da relação da díade mediada pelo brincar. A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo. Foi possível perceber que as participantes desenvolveram um estado de adaptação e devoção aos filhos. Ainda, observou-se o cuidado das mães com os filhos, mas também a autonomia proporcionada aos bebês. Assim, apesar das dificuldades inerentes ao processo da maternidade na adolescência, pode-se compreender que a interação mãe-filho estava permeada por afeto e cuidado, o que possibilita a constituição do bebê enquanto sujeito. Por fim, destaca-se que a condição para o desempenho da função materna não estaria atrelada necessariamente à idade da mãe, mas às suas experiências subjetivas e a sua capacidade de investimento.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; relação mãe-bebê; brincar.

Abstract: The initial mother-baby interaction, characterized by the mother's intense adaptation to the child's needs, is essential for the baby's development. Equally important is the interaction that is established in the dyad, as the mother resumes other interests, and the baby acquires greater autonomy. This article aimed to understand the experience of mother-baby interaction for teenage mothers. The study had a qualitative character, with exploratory and descriptive design, and was carried out through semi-structured interviews with teenage mothers and observations of the relationship of the dyad mediated by playing. Data analysis was performed through content analysis. It was possible to notice that the participants developed a state of adaptation and devotion to their children. Still, it was observed the care of the mothers with their children, but also the autonomy afforded to babies. Thus, despite the difficulties inherent in the process of motherhood in adolescence, it can be understood that the mother-child interaction was permeated by affection and care, which allows the constitution of the baby as a subject. Finally, it is highlighted that the condition for the performance of maternal function would not necessarily be linked to the mother's age, but to their subjective experiences and their investment capacity.

Keywords: teenage pregnancy; mother-baby relationship; play.

* Correspondência para: Av. Roraima, nº 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria - RS, 97105-900. E-mail: candida.cnd@gmail.com

Introdução

A gravidez na adolescência tem sido entendida como um problema de saúde pública, devido aos seus impactos, tanto psíquicos, quanto sociais (Ribeiro & Moura, 2019). A Organização Mundial da Saúde avalia que aproximadamente 1 milhão de meninas menores de 15 anos, e 16 milhões de adolescentes entre 15 e 19 anos dão à luz todos os anos, em todo o mundo. Destes números, em torno de 11% de nascimentos ocorrem no Brasil, o que coloca o país na primeira posição no ranking dos países da América, o qual possui o maior número de casos de gestações na adolescência (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2020). Mais especificamente, em 2019, no Brasil, do total de nascidos vivos, aproximadamente 15% eram bebês de mães entre 10 e 19 anos de idade (DATASUS - Brasil, 2019a).

Dessa forma, percebe-se que os dados brasileiros são alarmantes no que diz respeito às taxas globais, aspecto que demonstra a importância de estudos que abordem tal temática. Um estudo desenvolvido por Marcos e Mendonça (2017) demonstra a necessidade de considerar a singularidade de cada caso e a multiplicidade das motivações que levam a uma gestação na adolescência. Os autores destacam, nesse sentido, que apesar das dificuldades enfrentadas a partir dessa experiência, a maternidade possibilitou às adolescentes acessarem um novo estatuto social, familiar e relacional. Outra investigação, realizada com 11 adolescentes mães (Torres et al., 2018), destaca os desafios vivenciados pelas adolescentes no que se refere aos cuidados com os filhos, conduzindo-as a um amadurecimento, de maneira a assumir novos papéis sociais. Assim, a maternidade na adolescência adquire sentidos diversificados e subjetivos para cada mãe, trazendo aspectos positivos e negativos para suas vidas.

Diante disso, o Brasil aprovou a Lei 13.798, (Brasil, 2019b), que institui anualmente a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. A Lei tem o objetivo de disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas que

contribuam para a redução da incidência de gravidez na adolescência. A gravidez na adolescência tem sido entendida como um problema, que deve ser enfrentado com ações que visem, em um caminho, a prevenção e a conscientização e, em outro, que incentivem as meninas a reinserir-se em atividades educativas e laborais, as quais possam romper com o ciclo que muitas vezes se repete nas famílias, em especial naquelas marcadas por vulnerabilidades. Nesse contexto, Ribeiro e Moura (2019) chamam atenção para o fato de que a gravidez estaria culturalmente associada somente a menina, sendo que o papel do homem ficaria de certo modo invisibilizado, razão pela qual muitas adolescentes tornam-se mães solo, não contando com o apoio material e afetivo do pai, aspecto que agrava a situação e pode culminar com o abandono escolar e a atividade laboral.

Assim, após essa breve contextualização da temática referente à gravidez na adolescência, será feita uma explanação acerca dos aspectos que circundam a maternidade e os primeiros anos da vida de uma criança. De acordo com Bowlby (2001), os primeiros anos de vida de um bebê são decisivos para um desenvolvimento saudável e para a sua constituição enquanto sujeito. Estes ocorrem a partir dos cuidados adequados e de uma relação satisfatória, próxima, afetiva e previsível com a mãe, ou substituto(a) que exerça a função materna, a qual é fortalecida por outros agentes importantes. Destaca-se, nesse sentido, a importância da interação mãe-bebê, tendo em vista que o sujeito é produto da inscrição no campo da linguagem, que só é possível a partir do exercício da função materna, a qual opera atribuindo significados às manifestações do bebê. Assim, se cria um circuito interpretativo que captura mãe e bebê, de modo que ambos adquirem uma posição ativa nessa relação (Catão, 2015; Faria, 2016).

No que tange especificamente à maternidade na adolescência, Munslinger, Silva, Bortoli e Guimarães (2016) referem que estão presentes adversidades de uma gravidez precoce e, por vezes, não planejada. Entretanto, aponta-se para o fato de as adolescentes conseguirem fazer readaptações e ressignificar essa experiência, estabelecendo um vínculo afetivo e de cuidado com seus bebês. Nesse sentido, Budzyn, Wendland e

Levandowski (2017) e Zanettini, Urio, Souza e Geremia (2019) apontam que a interação mãe-bebê vai sendo construída já durante a gestação, por meio das representações, imaginação, idealização e relação da mãe com o filho. Com o nascimento do bebê, essa relação previamente iniciada tem continuidade, e é marcada pela dependência absoluta do bebê em relação ao ambiente físico e emocional, representado pela mãe, ou quem a substitua, a qual, por sua vez, deve ser capaz de dedicar-se quase que exclusivamente ao filho (Winnicott, 1983).

Dessa forma, a mãe, emergindo em um estado inicial de 'Preocupação Materna Primária' ou 'Loucura Necessária Materna' pode prover um ambiente satisfatório, que busque não apenas satisfazer as necessidades biológicas do filho, mas reconhecer que suas manifestações lhe são endereçadas e que ele a está demandando algo, atribuindo significados a esses movimentos do filho. A partir disso, o bebê vai sendo humanizado, uma vez que essa relação possibilita o desenvolvimento do seu potencial herdado, permitindo a sua constituição enquanto sujeito (Winnicott, 1983; Faria, 2016; Winnicott, 2020).

Nesse sentido, destaca-se que o bebê, desde o início, tende a assumir um papel ativo na relação, sendo capaz de se comunicar, ainda que de forma não verbal, podendo a partir disso, criar um ciclo de trocas de afeto na díade. Essas trocas comunicacionais entre mãe e filho servem como base para o desenvolvimento das demais funções psíquicas do bebê (Spitz, 1998; Catão, 2015). Assim, evidencia-se a importância da voz materna e do manêes como elemento subjetivante para o bebê, a partir da mudança que a mãe realiza no seu tom de voz para se dirigir a ele, mudança que tem a função de convocar o bebê para a interação e de ir escrevendo-o no campo da linguagem, uma vez que vai costurando os significantes no corpo do filho (Vorcara, Freire, Gama & Monteiro, 2008; Catão, 2015; Faria, 2016).

Diante disso, pontua-se que as mães vivenciam inicialmente uma relação simbiótica com o bebê, de modo que essa relação dá início à constituição do psiquismo.

Logo, a profunda identificação da mãe com o filho, que lhe conduz à capacidade de compreender e atender suas demandas, permite que o bebê também possa desenvolver uma identificação com a mãe, resultando em uma relação viva, composta de trocas. Portanto, da mesma maneira que o filho precisa sentir o envolvimento e pertencimento materno, a mãe também precisa sentir que o bebê sente prazer e a convoca para a interação, fato que possibilitará que a mãe se dedique e cuide do filho e este, por sua vez, possa se desenvolver de maneira saudável (Bowlby, 2001; Winnicott, 2020).

Nesse sentido, Winnicott (1983) pontua que o bebê que é contemplado com experiências positivas e satisfatórias de cuidado e afeto nos primeiros meses, quando está em uma condição de dependência absoluta dos cuidados externos, é capaz de evoluir para um estado de dependência relativa. A mãe vai retomando outras atividades para além do filho, e vai permitindo ao bebê diferenciar o eu do não-eu e, dessa forma, ir se constituindo como um sujeito. É importante ressaltar que, apesar de o bebê conseguir alcançar este estado, isso não exime a mãe de seguir fornecendo cuidados ao filho, uma vez que o mesmo ainda tem necessidade dos cuidados maternos nessa condição, no entanto, ele passa a ter noção da sua dependência. Se a mãe continua oferecendo um cuidado suficientemente bom durante esse período ao filho, mais tarde, o mesmo pode caminhar rumo à independência, possuindo um self verdadeiro, autonomia e podendo desenvolver relações sociais de qualidade.

Dessa forma, Pommé (2003), Munslinger, Silva, Bortoli e Guimarães (2016) e Rocha, Souza e Bittar (2017) destacam a complexidade da interposição entre as experiências de adolecer e tornar-se mãe, dadas as transformações que ambas acarretam para a mãe adolescente. Destaca-se, contudo, que a constituição da identidade materna não está diretamente relacionada com a idade da mãe, mas sim com suas experiências subjetivas e a disponibilidade para desempenhar a função materna e se relacionar com seu bebê (Zanettini, Urio, Souza & Geremia, 2019). Tendo isso em vista,

o presente artigo teve como objetivo compreender a experiência da interação mãe-bebê para mães adolescentes.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, de delineamento exploratório e descritivo. Segundo Minayo (2014), pretende-se, através da investigação qualitativa, estudar a história, as relações, as convicções e interpretações que surgem a partir da percepção que os sujeitos possuem acerca da maneira como vivem, sentem, pensam e produzem a si mesmos.

Participantes

Participaram deste estudo quatro díades mãe-bebê, tendo como critérios de inclusão: mães que tiveram o seu período gestacional na adolescência (de 10 a 19 anos, de acordo com a OMS) e que ainda se encontravam nessa fase do desenvolvimento no momento de realização do estudo, estando seus filhos na faixa etária entre 12 e 36 meses de idade. Para tal, realizou-se um mapeamento de prontuários de mães atendidas em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), a qual se encontra em uma região periférica de uma cidade localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. Após, foi realizado contato via telefone com as participantes. A tabela 1 apresenta a descrição das díades participantes da pesquisa.

Tabela 1

Descrição das diádes participantes da pesquisa

Participantes	Idade da mãe	Idade do bebê	Escolaridade da mãe	Ocupação da mãe
P1	16 anos	1 ano e 3 meses	Cursando o 8º ano (EJA)	Sem ocupação, buscando trabalho
P2	14 anos	1 ano	Parou durante a gestação no 6º ano E.F	Sem ocupação
P3	19 anos	1 ano	Cursando dois Cursos Técnicos	Jovem aprendiz
P4	19 anos	2 anos e 4 meses	Cursando o 3º ano E.M	Auxiliar de professora

Em relação à condição socioeconômica das participantes, estas se encontravam entre os estratos C2 e C1 em média, que diz respeito a uma renda que varia entre R\$ 1.805,91 a R\$ 3.042,47, de acordo com o Critério de Classificação Socioeconômica no Brasil. Ainda, acredita-se relevante incluir informações a respeito da rede de apoio das mães, principalmente em relação aos pais dos bebês. A partir das experiências das participantes, percebe-se que em apenas um caso – da participante P4 – o pai do bebê abandonou a mãe e o bebê, ao saber da gravidez. Nos demais casos, todos os pais, que também eram jovens, apoiaram as companheiras durante a gestação e, após o nascimento dos bebês, no compartilhamento de cuidados dos filhos. Nesse sentido, duas participantes moravam com os pais dos bebês, uma delas morava com a sua mãe, e outra com o novo namorado, que não era pai do bebê, mas que era considerado pela participante e pela criança como se fosse.

Procedimentos para coleta de dados e instrumentos

O projeto de pesquisa foi apresentado ao Núcleo de Educação Permanente da Saúde (NEPeS), órgão da Secretaria de Saúde do Município ao qual a UBS encontra-se vinculada. Ao obter a autorização, a qual permitiu a realização do estudo nas dependências da instituição e com os usuários desta, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade à qual as pesquisadoras estão vinculadas, via Plataforma Brasil, recebendo aprovação sob CAAE 96958618.2.0000.5346. Assim, as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde [CNS] (2016) e pela Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia [CFP] (2000), relacionadas à ética em pesquisas com seres humanos foram consideradas no presente estudo. Dessa forma, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi apresentado e lido em conjunto com as participantes, com o objetivo de explicar a proposta do estudo, as suas etapas e os direitos da participante, bem como esclarecer possíveis dúvidas.

A coleta de dados foi realizada nas dependências físicas da referida UBS, mais especificamente na sala do Programa da Criança, em que são realizadas as consultas de puericultura, e ocorreu através de duas etapas. No primeiro momento, realizou-se uma entrevista semiestruturada com as mães, com o objetivo de abordar e compreender os aspectos relacionados à relação mãe-bebê e o desenvolvimento da criança. Gaskell (2002) pontua que a entrevista qualitativa semiestruturada baseia-se em uma interação entre entrevistador e entrevistado, na qual se tem uma cooperação e um envolvimento de ambos, de maneira diferente, na construção do conhecimento.

O segundo momento foi realizado logo após a finalização da entrevista, no mesmo local, e consistiu na observação da interação entre a díade mãe-bebê através do brincar, com a finalidade de conhecer e perceber como a mãe interagia e se relacionava com o filho e vice-versa. Uma vez que a coleta de dados foi realizada na sala do Programa da Criança da UBS, esta já contava com alguns recursos lúdicos, como

pecinhas de lego, lápis de cor, livrinhos, carrinhos e bonecas, aos quais se acrescentou bolas, folhas em branco e desenhos para colorir, entre outros brinquedos. Assim, o ambiente da observação foi previamente organizado e após o término da entrevista, a pesquisadora forneceu orientações às mães acerca dos procedimentos que seriam adotados, que consistiram na filmagem da interação e no brincar livre da díade. Logo após os esclarecimentos, a pesquisadora convidou mãe e bebê para sentarem com ela no chão, no espaço organizado com os brinquedos. Nesse contexto, ela interagiu com a díade, no sentido de facilitar a ambientação, contudo não interviu no livre brincar de mãe e filho. A partir disso, foi possível analisar de maneira mais aprofundada as questões trazidas pelas mães durante a entrevista. Ressalta-se que, de acordo com Arpini, Zanatta, Paraboni, Rodrigues e Marchesan (2018), tanto a observação quanto a escuta, caracterizam-se como ferramentas de grande relevância para a pesquisa, principalmente quando esta propõe-se a investigar o contexto da saúde materno-infantil. Dessa maneira, entende-se que a complementaridade desses dois recursos é de grande valor, no sentido de qualificar o processo de pesquisa.

Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e a análise, tanto das entrevistas, quanto das observações, foi feita através da Análise de Conteúdo proposta por Minayo (2012). A autora destaca que através da análise de conteúdo, é possível aproximar-se do que está implícito nos conteúdos manifestos, abrangendo não apenas o que está sendo informado, mas também os seus significados ocultos. Assim, a Análise de Conteúdo é realizada por meio de três etapas. A etapa de pré-análise, consistiu em uma análise compreensiva do material, a partir da leitura na íntegra das entrevistas transcritas e da visualização, também na íntegra, dos vídeos das observações de cada díade, por parte de todas as pesquisadoras. Na segunda etapa, de exploração do material, realizou-se a análise dos dados propriamente dita, momento no qual foram definidas categorias a

partir do conjunto dos dados que apareceram com maior frequência e intensidade nas entrevistas e observações. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados/inferência/interpretação, realizou-se a interlocução do material do estudo com a literatura já existente sobre a temática e com as reflexões das pesquisadoras.

Dessa forma, as categorias apresentadas neste artigo dizem respeito aos momentos iniciais da relação entre a díade, compartilhados pelas participantes durante as entrevistas e, a seguir à interação que estava ocorrendo no momento em que o estudo foi realizado, a qual pôde ser compreendida, principalmente através da observação da díade, ainda que aspectos das entrevistas também tenham sido analisados nessa segunda categoria, em função de que as mães fizeram alusão às suas interações no momento das entrevistas. As categorias denominam-se: 1. “A interação inicial mãe-bebê na perspectiva de mães adolescentes: da gestação ao puerpério” e 2. “A interação atual da díade e o brincar”.

Resultados e Discussão

1.A interação inicial mãe-bebê na perspectiva de mães adolescentes: da gestação ao puerpério

A partir dos relatos das participantes, foi possível perceber que a gravidez nesse momento de suas vidas não havia sido planejada. Compreender os sentimentos atrelados a esse momento é importante para entender, também, a construção da interação entre mãe e bebê. Diante disso, para as participantes, a descoberta da gestação veio acompanhada de sentimentos confusos, como demonstram as falas a seguir: “Ah, eu fiquei em choque. Eu não sabia né. E eu não tomava remédio [anticoncepcional]” (P1) e “Não [foi planejada], ela veio de surpresa, porque a gente não se cuidou mesmo” (P2). Ao longo da gestação, contudo, as adolescentes parecem ter conseguido ressignificar os sentimentos acerca desta experiência, encontrando um sentido para a maternidade e um lugar para

o bebê que estava a caminho: *“É, depois foi mudando [a percepção inicial]. No começo eu não queria ganhar de jeito nenhum. (...) Ah, depois que eu aceitei bem, eu, ei, fiquei bem feliz né”* (P4).

De acordo com Pommé (2003) e Munslinger, Silva, Bortoli e Guimarães (2016) é comum que a adolescente, inicialmente, se depare com sentimentos de surpresa, negação e angústia frente à gestação não planejada. No entanto, com o passar do tempo, é possível que haja uma aceitação e adaptação por parte da adolescente, a qual pode passar a ver a maternidade com outros olhos, ressignificação que pode ser facilitada ou possibilitada quando a adolescente tem um companheiro presente ou uma rede de apoio consistente, como foi o caso das participantes do estudo. Nesse sentido, alguns estudos (Munslinger, Silva, Bortoli & Guimarães, 2016; Torres et al., 2018; Silva & Abrão, 2020) destacam a importância do suporte recebido pela adolescente mãe, principalmente de suas mães e seus companheiros, mas também de familiares e amigos que as auxiliam nos cuidados com o bebê, no amparo afetivo e com recursos financeiros. Contudo, sabe-se que nem sempre essa é a realidade de muitas adolescentes mães. De acordo com Ribeiro e Moura (2019), historicamente, as meninas têm a responsabilidade em relação à maternidade, ficando os meninos muitas vezes distantes e invisíveis. Assim, a ressignificação pode ser dificultada nestas situações, considerando a ausência de rede de apoio, divisão de responsabilidades e os sentimentos envolvidos no processo de parentalidade, aspectos que são importantes de serem analisados, evitando que se tenha uma visão romantizada da maternidade adolescente.

Nesse sentido, Silva e Abrão (2020) observam que, apesar das dificuldades vivenciadas durante esse processo, a gestação pode tornar-se uma experiência prazerosa para a adolescente, à medida em que esta vai imaginando e idealizando, tanto o filho, quanto a interação entre ela e seu bebê, após o seu nascimento. Dessa maneira, Budzyn, Wendland e Levandowski (2017) e Zanettini, Urío, Souza e Geremia (2019) destacam que a interação que a mãe estabelece com o bebê, ainda na gestação, através do toque, da fala, da descoberta do sexo, da atribuição de um nome e de características particulares

imaginadas para o bebê, são constitutivas para a relação que irá se desenvolver após o parto.

Dessa forma, percebe-se que após o nascimento dos bebês, as adolescentes puderam desenvolver uma adaptação e identificação em relação às demandas dos filhos, aspecto essencial para a relação e para a constituição psíquica infantil: *“Primeira coisa eu dava o peito [quando bebê chorava]. Ou era fome ou... ele queria ficar sentadinho, quando ele era mais novinho”* (P3). Ainda:

Logo quando ele nasceu ele não dormia de noite, ficava até às seis da manhã acordado e depois dormia durante o dia. Trocava o dia pela noite. (...) [Eu] dormia durante o dia com ele. Enquanto ele dormia eu dormia com ele. (...) [Eu] Ficava brincando com ele [de noite], botava desenho... ele ainda não entendia né, mas ficava olhando (risos) (P4).

Nesse sentido, Winnicott (2020) destaca que no decorrer das últimas semanas da gestação e nas semanas ou meses seguintes ao nascimento do bebê, a mãe tende a emergir em um estado definido pelo autor como ‘Preocupação Materna Primária’. Este estado possibilita à mãe desenvolver uma sensibilidade extremamente sofisticada em relação ao seu bebê, que lhe permite saber o que ele deseja. Segundo Faria (2016) essa ‘Loucura Necessária Materna’, em que a mãe atribui significados às manifestações do bebê, compreendendo-as como sendo endereçadas a ela, é fundamental para a criação de um circuito interpretativo, que culmina na constituição psíquica do bebê. Assim, o exercício da função materna é o que sustenta a inscrição do sujeito no campo da linguagem.

Dessa forma, pode-se observar, ainda, na experiência das participantes, que foi criado um canal de comunicação particular entre a dupla, possibilitando à mãe compreender, se adaptar e corresponder às manifestações e necessidades do filho, dando continuidade à interação que vinha desenvolvendo-se na gestação. As falas a seguir demonstram a importância dessa comunicação inicial que se estabeleceu na díade, que pode se dar de diferentes formas: *“Desde que ela nasceu eu conversei bastante*

com ela. (...) faz ela se acalmar” (P2) e “Ele se acalma [quando pego ele no colo], porque ele sente o meu cheiro sabe, sente o cheiro do peito, daí ele fica calminho” (P3).

Em relação a tal aspecto, no primeiro semestre de vida do bebê e mesmo até ele completar um ano de idade, a comunicação da díade mãe-bebê ocorre de maneira não verbal por parte do bebê, mas fundamentalmente por meio de sinais corporais ou emissão de sons. Tal comunicação está apoiada em trocas afetivas realizadas entre mãe e bebê, de modo que se cria um sistema circular de comunicação (Spitz, 1998; Catão, 2008). Nessa perspectiva, Catão (2015) destaca que esse circuito comunicacional só é possível caso haja a participação ativa, tanto da mãe, quanto do bebê, uma vez que esta convoca, pela voz, o bebê, que responde através dos seus recursos corporais. A partir disso, a mãe vai atribuindo significados aos movimentos do filho e, assim, a cadeia significante pode ir tomando corpo no bebê.

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento da relação entre mãe e bebê, a partir das entrevistas com as mães, pode-se perceber que a amamentação constituiu-se em uma experiência desafiadora, na qual elas referem ter passado por dificuldades. Porém, percebe-se que, à medida que foram se adaptando a essa experiência e se utilizando de recursos para amenizar a dor e os hematomas, o ato de amamentar, somado a outras gratificações que resultam desse momento de intimidade da díade, passou a ser uma experiência positiva, para a maioria das adolescentes, favorecendo a interação mãe-bebê:

Ah, maravilhoso daí né [amamentar depois que parou de doer]. Porque ele ficava me olhando assim, quando ele ficava mais acordado né. Ele ficava me olhando com os olhinhos assim, parecia que ele agradecia sabe. Porque eu sabia que só eu era capaz de alimentar ele, que o leite materno é a melhor coisa que tem, então, maravilhoso (P3).

A partir da fala da participante P3, percebe-se que o momento da amamentação parece ter se constituído como muito significativo para a mãe e para a interação mãe-bebê, uma vez que teria possibilitado uma proximidade física, favorecendo a troca de

olhares, toques e afeto na díade. Nessa perspectiva, o relato da participante P2 demonstra, também, a importância que este momento teria para o bebê, uma vez que além de suprir uma necessidade fisiológica, este momento se reveste numa ocasião especial de comunicação entre a mãe e o bebê, em que este tem a atenção dela voltada para si: *“Pra mim amamentar ela a gente tem que tá bem quietinha né, porque senão ela não para quieta, ela não mama direito. Ela fica agitada, ela pega um pouquinho o peito e sai”* (P2).

Dessa forma, percebe-se que a necessidade, expressa pelo relato da mãe, de que esse momento ocorra em um ambiente tranquilo, pressupõe a importância que a interação e a atenção integral da mãe teria para o bebê. Nesse sentido, a amamentação constitui-se como um momento de trocas significativas na díade, as quais tendem a ocorrer por meio do toque, do olhar e da voz materna, que consistem nos primeiros organizadores psíquicos do bebê. Assim, a interação desenvolvida entre mãe e bebê durante o ato de amamentação constitui-se como uma ocasião privilegiada para a intimidade da díade, uma vez que os bebês tendem a passar a maior parte do tempo comunicando-se de alguma forma com a mãe, não apenas propriamente mamando (Zotti, 2012; Ledur et al., 2019).

Em contrapartida, a partir da experiência da participante P1, percebe-se que, apesar de a adolescente ter conseguido amamentar no primeiro mês e de ter sido bastante dolorido, o maior sofrimento para a mesma consistiu na impossibilidade de continuar amamentando o filho:

Ele sempre mamou na mamadeira. Só no primeiro mês que eu dei no peito, daí empedrou, daí eu tive que dar a mamadeira pra ele. (...) O único momento que foi difícil pra mim foi na hora da amamentação sabe, por causa que eu queria sabe, eu chorava, chorava, chorava porque eu queria que ele mamasse no meu peito, só que daí não saia... eu tomei tanto remédio, tanto remédio pra descer o leite e nunca... E não desceu, daí o que mais foi difícil foi isso (P1).

É inegável a importância que o leite materno possui para o bebê, tanto no que diz respeito à prevenção de doenças e a contribuição para o desenvolvimento físico,

cognitivo e emocional, quanto na formação e fortalecimento do vínculo entre a mãe e a criança. Nesse sentido, considera-se que amamentar é muito mais que alimentar o bebê, de modo que o Ministério da Saúde recomenda que o bebê seja amamentado até os dois anos ou mais e, que nos primeiros seis meses de idade, a criança seja amamentada exclusivamente com o leite materno (Brasil, 2018).

No entanto, ressalta-se que os laços afetivos entre mãe e bebê não necessariamente se constituem a partir da amamentação no seio, uma vez que a troca de afetos, de olhares, de calor, de cheiros, de toques pode se dar por meio do aleitamento via mamadeira, desde que a mãe esteja disponível e envolvida com o bebê nesse momento. Acredita-se, nesse sentido, que existe uma concepção socialmente construída e valorizada acerca do papel da mulher na amamentação, atrelada ao mito do amor materno (Badinter, 1985), como se o amor e a devoção da mãe pelo filho dependessem desse ato. Assim, como foi possível visualizar na experiência da participante P1, a impossibilidade de amamentar causou-lhe um grande sofrimento, o que pode estar relacionado com essa supervalorização da amamentação no seio. De acordo com Zotti (2012) o processo de amamentação varia de mulher para mulher, uma vez que é influenciado diretamente pela história de vida da mãe, da sua disponibilidade e, principalmente, do desejo em amamentar, o qual tem motivações inconscientes, relacionadas com as experiências da mãe com a amamentação quando bebê.

Dessa forma, percebe-se que a interação inicial das mães participantes da pesquisa com seus bebês desenvolveu-se aos poucos, de acordo com experiências singulares vivenciadas por elas. Embora o processo de tornar-se mãe tenha sido dificultado, inicialmente, pela surpresa da gravidez inesperada, observa-se que a maternidade foi sendo ressignificada, culminando no afeto, dedicação e cuidado com os filhos. Assim, a próxima categoria propõe-se a discutir a interação entre a mãe e o uso do brincar, como forma de comunicação, observados durante o momento da realização da pesquisa.

2. A interação atual da díade e o brincar

Entende-se que os aspectos que serão abordados na presente categoria, sobre a interação atual da díade, podem ser considerados uma continuidade da interação inicial, descrita na categoria anterior. Percebe-se, contudo, que se trata de momentos diferentes da relação mãe-bebê, visto que, enquanto em um primeiro momento os bebês se encontravam em uma posição de dependência absoluta e as mães, de devoção extrema aos filhos, neste segundo momento, os bebês já estavam em um estado de dependência relativa, de modo que as mães não se encontravam mais voltadas apenas às necessidades dos bebês (Winnicott, 1983). Nessa perspectiva, a fala a seguir demonstra a presença de um equilíbrio por parte da mãe, entre a preocupação com o bebê e a retomada de outras atividades:

(...) Quando eu fui deixar ele no pai dele ali, eu me esqueci de dizer, e fui, tava no colégio. Daí quando eu cheguei no colégio eu me lembrei que tinha me esquecido de, esqueci de avisar pra ele que ele tava sem bico, daí eu fiquei com aquilo na cabeça, que ele não dorme sem bico e daí eu tive que sair do colégio (...) Daí eu fui na minha casa, daí eu fui lá na farmácia e fui lá levar o bico pra ele, depois eu peguei, busquei ele e fui embora. Mas eu não conseguia, tava me dando uma, eu tava me sentindo mal sabe, de me lembrar daquilo que ele não dorme sem bico (P1).

Nesse sentido, destaca-se que, da mesma maneira que a adaptação extrema inicial é necessária, a posterior desadaptação materna também é essencial, uma vez que é esse processo que permite ao bebê evoluir para um estado de dependência relativa e, conseqüentemente, ir se constituindo como sujeito. Assim, é a partir desse processo gradativo de desadaptação materna e passagem do bebê da dependência absoluta para relativa, que este se torna capaz de lidar, de maneira saudável e estrutural, com as falhas maternas, sem provocar rupturas na sua constituição psíquica (Winnicott, 1983). Nessa perspectiva, através do relato da participante P1, fica visível que a preocupação com o bem-estar do filho se mantém, mesmo quando a mãe está dedicando-se a outras

atividades, o que não foi entendido como um cuidado extremo, mas sim necessário e saudável por parte da participante.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito ao relato das adolescentes acerca do fato de que, quando saem para trabalhar ou estudar, os bebês costumam ficar tranquilos sob os cuidados de outras pessoas e não estranham sua ausência. Tal situação pode indicar que os bebês já não se encontram mais no estado de dependência absoluta e têm consciência de que podem existir separados da mãe. Salienta-se, no entanto, que os bebês ainda são dependentes dos cuidados alheios, ainda que não mais totalmente (Winnicott, 1983; Arpini, Zanatta, Marchesan, Savegnago & Bernardi, 2015). Assim, juntamente com a rotina de estudos, trabalho, afazeres domésticos, entre outras atividades, as mesmas referiram estar conseguindo se dedicar aos bebês e reservar um tempo do seu dia para interagir com eles. Tais aspectos constituem-se em questões importantes, no sentido de que é relevante encontrar um equilíbrio entre os cuidados com os filhos e ao mesmo tempo proporcionar um espaço de autonomia para estes, que são ativos desde o seu nascimento (Zornig, 2010). Faria (2016), nesse sentido, destaca a importância da tríade mãe-pai-criança e da função paterna, que não necessariamente é desempenhada pelo pai biológico, mas pode ser sustentada por algo ou alguém que se interponha na relação mãe-bebê, operando através da imposição da lei simbólica, processo que também é fundamental para a constituição psíquica do bebê.

Nesse sentido, durante as observações foi possível perceber que a interação das díades estava revestida de cuidados, afeto, reciprocidade e reconhecimento das demandas do bebê, mas também de certa autonomia e regras transmitidas aos bebês por parte das mães. Como exemplo, pode-se citar o caso da díade 1, em que a mãe ofereceu ao bebê as pecinhas de encaixar, o qual as aceitou e se deteve por bastante tempo tentando encaixá-las umas nas outras, de forma que a adolescente o auxiliava e mostrava como se fazia, ao mesmo tempo em que dava espaço para o filho tentar fazer sozinho. Quando o filho conseguia encaixar a pecinha corretamente, a mãe estimulava-o e

comemorava com um “êêê! ”. Já no exemplo da díade 2, a bebê pareceu gostar muito de uma brincadeira, em que colocava algumas pecinhas na caixa e balançava para que fizessem barulho, sendo que, em vários momentos, entregava a caixinha para que a mãe fizesse o mesmo, a qual correspondia imediatamente ao convite da filha. Ainda, reconhecendo o interesse da filha por brinquedos que fizessem barulho, a mãe mostrou um sapinho com som para a filha, a qual o apertava, da mesma maneira que a mãe, para emitir o som. A mãe em alguns momentos estabeleceu limites e regras para a filha, como em uma situação em que a bebê foi mexer em um armário na sala e a mãe falou que não podia, ou quando a bebê apontou para a tomada, e mãe disse que “faz dodói”.

Assim, entende-se, em relação a esse aspecto, que as aquisições do bebê exigem um posicionamento no que diz respeito a, cada vez mais, o estabelecimento de limites, objetivando um desenvolvimento saudável (Lopes et al., 2012). Ainda, verificou-se que, tanto as mães, quanto os bebês, convocavam uns aos outros para a brincadeira e, por parte das adolescentes, havia conhecimento e interpretação acerca das manifestações dos filhos, respondendo às suas solicitações, aspecto já salientado em outros estudos como relevante (Arpini, Zanatta, Marchesan, Savegnago & Bernardi, 2015; Ledur et al., 2019).

Ademais, observou-se que as participantes também davam espaço para que a criança pudesse se expressar livremente e, por vezes, brincar sozinha. Nessa perspectiva, Figueiredo (2007) destaca que o agente de cuidado deve alternar o exercício da sua função entre uma presença implicada, que se constitui pela atividade e o investimento na relação com a criança, e uma presença reservada, a qual envolve o não fazer, dando maior liberdade à criança. De acordo com Winnicott (2019) o desenvolvimento da capacidade de brincar na criança depende diretamente de uma mãe suficientemente boa e da experiência de ilusão e desilusão de onipotência vivenciada pelo bebê, através da criação de um espaço potencial entre mãe e bebê e, conseqüentemente de um playground intermediário entre a realidade interna e externa.

A partir disso, o bebê pode ir avançando no que diz respeito ao brincar, alcançando a capacidade do brincar individual e do brincar compartilhado.

No que diz respeito ao uso do manhês, percebe-se que todas as mães se utilizavam dessa forma singular para se dirigir aos filhos. Dessa forma, o manhês, caracterizado como um importante chamarisco simbólico e como uma forma carinhosa e sonora de se comunicar com o bebê, pode ser evidenciado nas seguintes falas: *“Olha aqui o cocó, dá um beijo no cocó”*; *“Godinho, godinho, godinho”* (P1); *“Brinca com o cachorrinho, ó”*, *“Nana o nenê”* (P2); *“Sai daí, rapaiz, vem pra cá, vai resvalar com essa meia aí”*, *“Tu tirou o meu brinco, safado?”* (P3); *“Dá o papá pra mãe”* (P4). Nessa perspectiva, entende-se que a ligação que se estabelece entre a fala da mãe e o envolvimento do bebê em sua fala, mostra o desenvolvimento do diálogo, bem como do vínculo entre mãe e bebê. Ressalta-se, dessa forma, a importância da voz materna, a qual funciona como meio de acalmar e promover bem-estar ao bebê, e também se constitui como um dos primeiros mecanismos responsáveis pela organização psíquica e pela subjetivação da criança, o que da mesma maneira se aplica à troca de olhares entre a díade (Catão, 2008; Flores, Beltrami & Souza, 2011; Zotti, 2012; Catão, 2015).

Dessa forma, mesmo que as mães adolescentes tenham referido uma rotina cansativa, percebeu-se que estas demonstraram satisfação na interação diária com os filhos, a qual pode ser observada, principalmente, através do brincar e seus desdobramentos. Assim, compreende-se que o desenvolvimento da relação, que inicia ainda antes do nascimento do bebê, necessita ter continuidade e investimento, ganhando contornos próprios em cada etapa da vida dos bebês, num processo de readaptação constante, tão bem retratado nas díades que integraram o estudo.

Considerações finais

De acordo com o que pode ser observado, o processo de interação da díade tem início antes mesmo do nascimento do bebê. Tornar-se mãe é um processo e uma

construção complexa e necessita de dedicação e envolvimento, bem como de adaptações, visto que o bebê demanda questões diferentes da mãe na medida em que cresce e se desenvolve.

Por sua vez, o processo de tornar-se mãe na adolescência tem sido apontado como ainda mais desafiador, tendo em vista que a adolescente tem de enfrentar mudanças drásticas, que dizem respeito tanto ao processo de adolecer, bem como de constituir a identidade materna. No que diz respeito à experiência das participantes do estudo, destaca-se que o processo de tornar-se mãe se constituiu a partir de diferentes momentos, evidenciando que a possibilidade da construção da identidade materna e desempenho da função materna não estão necessariamente ligados a idade da mãe, visto que as mães participantes do presente estudo apresentavam pouca idade, estando ainda na adolescência. Salienta-se, dessa forma, que o processo de tornar-se mãe, bem como o desenvolvimento da maternidade estaria relacionado com as experiências subjetivas das mulheres e a capacidade de investimento das mães em seus filhos.

Foi possível perceber também, a partir dos relatos e observações da interação das díades, que as mães adolescentes dispunham de um cuidado e afeto para com os filhos, que estaria refletindo diretamente na interação da díade, e que puderam ser compreendidos através das experiências compartilhadas sobre o brincar, o manê e a amamentação. Destaca-se, ainda, que as participantes, além de demonstrar um envolvimento ativo na relação com os filhos, também demonstraram estar conseguindo dar autonomia para os bebês.

É importante pontuar também, que as participantes do estudo contavam com uma rede de apoio, aspecto que nem sempre encontra-se presente e que pode trazer desdobramentos, podendo agravar a situação socioeconômica e também o abandono da escola e do trabalho, por parte da mãe adolescente. Assim, a participação e o envolvimento afetivo do pai podem ser compreendidos como importantes fatores de

proteção, aliados também a uma rede de apoio familiar que pode contar com pais, irmãos e outros membros significativos.

Ainda, destaca-se que este estudo se propôs a compreender as situações específicas das mães adolescentes, inseridas no contexto de realização da pesquisa. Salienta-se, dessa forma, a necessidade da realização de novas pesquisas, com o objetivo de compreender outros pontos de vista sobre a temática, incluindo, por exemplo, os pais ou outros cuidadores. Ressalta-se, também a dificuldade de acesso às adolescentes, já que muitas adolescentes convidadas não compareceram às entrevistas, aspecto que se constituiu como um grande desafio para as pesquisadoras. A situação em questão foi compreendida, considerando o envolvimento das mães adolescentes que poderiam estar sobrecarregadas com o cuidado de seus filhos, sendo a pesquisa uma demanda a mais no momento, mas também, podendo enunciar possíveis dificuldades em falar do tema, considerando que nem sempre a interação ocorre de modo satisfatório. Por fim, destaca-se a importância de abordar essa temática, tanto na saúde, como nas escolas ou em outras instâncias nas quais as políticas públicas se fazem presentes, uma vez que este tema se constitui atualmente num problema de saúde pública que demanda um olhar atento, com ações de informação, orientação e acolhimento.

Referências

- Arpini, D. M., Zanatta, E., Marchesan, R. Q., Savegnago, S. D. O., & Bernardi, P. H. (2015). Intervenções precoces na infância: observando a relação mãe-bebê em um serviço de saúde. *Psicologia em Revista*, 21(1), 37-50. doi: [10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P37](https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P37)
- Arpini, D. M., Zanatta, E., Paraboni, P., Rodrigues, P. M., & Marchesan, R. Q. (2018). Observação e escuta: recursos metodológicos de investigação em psicologia no âmbito da saúde materno-infantil. *Contextos Clínicos*, 11(2), 243-256. doi: [10.4013/ctc.2018.112.09](https://doi.org/10.4013/ctc.2018.112.09)
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brasil. (2018). *Guia alimentar para crianças menores de 2 anos*. Ministério da Saúde: Brasília, DF.

- Brasil (2019a). *Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS) - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos*. Ministério da Saúde: Brasília, DF.
- Brasil. (2019b). *Lei n. 13.798 de 03 de janeiro de 2019*. Presidência da República, Ministério da Saúde/Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: Brasília, DF.
- Bowlby, J. (2001). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Budzyn, C. da S., Wendland, J., & Levandowski, D. C. (2017). Representações de gestantes adolescentes do sul do Brasil sobre o bebê. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 69-86. doi: [10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1627](https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1627)
- Catão, I. (2008). Bebês órfãos, abandonados e adotivos: um outro olhar sobre a questão. In M. C. Kupfer, & D. Teperman (Org.). *O que os bebês provocam nos psicanalistas* (pp. 31-39). São Paulo: Escuta.
- Catão, I. (2015). O corpo como resposta à invocação da mãe. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 4(1), 21-26. Recuperado de <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/665/519>
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução nº 016/2000*. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF: CFP.
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução nº 510/2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores dos que os existentes na vida cotidiana. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde.
- Faria, M. R. (2016). *Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais*. São Paulo: Toro Editora.
- Figueiredo, L. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Psyquê*, 11(21), 13-30. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n21/v11n21a02.pdf>
- Flores, M. R., Beltrami, L., & Souza, A. P. R. de. (2011). O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. *Distúrbios da comunicação*, 23, 143-152. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8270/0>
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas Individuais e Grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.
- Ledur, C. S., Zanatta, E., Pereira, C. R. R., Arpini, D. M., Macari, M. L., Rocha, P. J. da. (2019). O desenvolvimento infantil aos dois anos: conhecendo as habilidades de crianças atendidas em um programa de saúde materno-infantil. *Psicologia em Revista*, 25(1), 40-59. doi: [10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p40-59](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p40-59)

- Lopes, R. C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D., Deluchi, M., Tudge, J., & Piccinini, C. A. (2012). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança entre 24 e 28 meses. *Estudos em Psicologia*, 29(1), 737-749. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/10.pdf>
- Marcos, C. M., & Mendonça, R. L. (2017). A pesquisa-intervenção psicanalítica com adolescentes: o que elas nos dizem sobre gravidez e maternidade a partir da conversação. *Psicologia em Revista*, 23(2), 707-727. doi: [10.5752/P.1678-9563.2017v23n2p707-727](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n2p707-727)
- Minayo, M. C. de S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Munslinger, I. M., Silva, S. M. da, Bortoli, C. de F. C. de, & Guimarães, K. B. (2016). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes. *Revista Brasileira de Promoção de Saúde*, 29(3), 357-363. doi: [10.5020/18061230.2016.p357](https://doi.org/10.5020/18061230.2016.p357)
- Organização Mundial da Saúde. (2020). *Adolescent pregnancy*. OMS: 31 de janeiro de 2020. Recuperado de: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-pregnancy>.
- Pommé, E. (2003). *Gravidez na adolescência: muitas histórias para compreender e lidar com a sua história*. São Paulo: Paulinas.
- Ribeiro, A. L. & Moura, T. N. B. (2019). Gravidez na adolescência: um problema de saúde pública. *Revista Interdisciplinar*, 12(4), 75-83. Recuperado de: https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1484/pdf_451
- Rocha, R. M. N., Souza, P. C. de, & Bittar, C. M. L. (2017). Relatos sobre a percepção da gravidez para um grupo de adolescentes e jovens mulheres. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(1), 59-68. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n1/07.pdf>
- Silva, G. V. da, & Abrão, J. L. F. (2020). Experiências emocionais da gravidez na adolescência: entre expectativas e conflitos. *Revista Colloq Vitae*, 12(1), 59-67. doi: [10.5747/cv.2020.v12.n1.v284](https://doi.org/10.5747/cv.2020.v12.n1.v284).
- Spitz, R. A. (1998). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Torres, J. D. R. V. et al. (2018). O significado da maternidade para adolescentes atendidas na Estratégia de Saúde da Família. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 10(4), 1003-1013. doi: [10.9789/2175-5361.2018.v10i4.1003-1013](https://doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i4.1003-1013)
- Vorcaro, A., Freire, T. A., Gama, C., & Monteiro, J. P. (2008). A identificação materna na constituição subjetiva. In M. C. Kupfer, & D. Teperman (Org.). *O que os bebês provocam nos psicanalistas* (pp. 49-64). São Paulo: Escuta.

- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu.
- Winnicott, D. W. (2020). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu.
- Zanettini, A., Urío, A., Souza, J. B. de, & Geremia, D. S. (2019). As vivências da maternidade e a concepção da interção mãe-bebê: interfaces entre as mães primíparas adultas e adolescentes. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 11(3), 655-663. doi: [10.9789/2175-5361.2019.v11i3.655-663](https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i3.655-663)
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo da construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>
- Zotti, C. W. (2012). Os aspectos psicanalíticos da amamentação e a construção da subjetividade. In M. C. Kupfer, L. M. F. Bernardino, & R. M. M. Mariotto (Orgs.). *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância* (pp. 47-60) São Paulo: Escuta/Fapesp.

Submetido em: 31.01.2021

Aceito em: 22.10.2021